



O PAPEL DOS MUSEUS NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: o Museu de Ciências Naturais da UFRGS

Aline Portella Fernandes: Museu de Ciências Naturais - UFRGS
Lucas Antônio Morates: Museu de Ciências Naturais - UFRGS

INTRODUÇÃO

Os museus são instituições sem fins lucrativos cuja pretensão é difundir educação, culturas¹ e conhecimento para a sociedade. As universidades

são lugares que acumulam diversos acervos, sendo comum que as mesmas tenham vinculadas a si um museu. Mas qual o significado destes na extensão universitária? Qual seu papel dentro de uma universidade?

1. O termo cultura foi utilizado no plural tendo em vista a diversidade cultural que existe no Brasil, tentando não fazer com que o mesmo seja entendido no sentido de distinção cultural de um ou alguns grupos da sociedade.

Falar sobre extensão na universidade é um tema corriqueiro no cotidiano de alunos, professores e técnico-administrativos, mas, afinal, o que

significa fazer extensão? Mesmo sendo um dos pilares básicos da universidade, será que todos entendem seu significado? Segundo a Política Nacional de Extensão Universitária:

Extensão foi definida como ação institucional voltada para o atendimento das organizações e populações, com um sentido de retroalimentação e troca de saberes acadêmico e popular. Nessa perspectiva, as camadas populares deixaram de ser o objeto para se tornarem o sujeito da ação extensionista, denotando, assim, avanços significativos em relação à noção de Extensão Universitária construída na década anterior (NOGUEIRA apud FORPROEX -FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2012).

A partir disso, podemos entender que o objetivo da extensão é levar o conhecimento produzido na Universidade para a comunidade em geral, fazendo com que a população tenha acesso a esse conhecimento, mas que, principalmente, haja troca de saberes e onde as camadas populares passem de objetos a sujeitos das ações extensionistas. Essa definição está muito próxima da função social dos museus atualmente², o que nos leva a pensar que muito da função do museu é fazer extensão. Dentro do contexto das universidades isso fica ainda mais evidente, já que um museu universitário é uma interface direta de relação com a comunidade.

Em se tratando de Brasil, os museus vieram antes das universidades e foram locais de pesquisa científica anteriores a elas. Pela ausência de universidades, o Museu Nacional do Rio de Janeiro, criado em 1818, teve toda sua trajetória vinculada aos cursos de ensino superior existentes na Corte (LOPES, 2003). Ao longo da trajetória das duas instituições muitas coisas foram mudando, inclusive a necessidade de externar tudo o que é pesquisado dentro dos gabinetes. Todo projeto de extensão deve prever maneiras de fazer chegar

2. Essa afirmação pode levar a uma longa discussão, mas nesse texto está-se considerando as definições estabelecidas pela Mesa Redonda de Santiago do Chile, de 1972, onde é estabelecido o conceito de museu integral.

à comunidade o conhecimento desenvolvido nas pesquisas, mas para um museu isso é um caminho natural, já que está constantemente aberto ao público. Ser um caminho de acesso ao conhecimento faz parte de sua essência.

Porém, podemos observar um ponto de extrema importância, que é a relação com a comunidade (razão pela qual se faz extensão), e como esses agentes tornam-se produtores de cultura, não somente objeto de pesquisa, para que haja troca de saberes. Uma via de mão-dupla ou, como se definiu nos anos seguintes, uma forma de “interação dialógica” que traz múltiplas possibilidades de transformação da sociedade e da própria Universidade Pública atribuindo às universidades uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental e na defesa da diversidade cultural (FORPROEX -FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2012).

Assim, a extensão universitária demonstra a postura que a universidade e a educação querem tomar: um meio de modificar não apenas a forma como se educa e se aprende na universidade, mas a forma como a universidade interage com o seu entorno e como ambos se modificam com essa interação.

Nos anos 1960, as críticas aos museus se acentuaram em meio à crescente insatisfação política e a movimentos de democratização da cultura, realidade que atingia diferentes países do mundo. Podemos observar a valorização da cultura, da memória, do patrimônio e do museu como direitos de todos, de todas as camadas sociais, de todos os grupos étnicos. Atualmente essa democratização tem favorecido o surgimento de museus e espaços de memória criados por minorias, como povos indígenas e praticantes de religiões não dominantes, entre outros.

Para responder às necessidades do mundo

contemporâneo, relacionadas à museologia, a Mesa Redonda de Santiago do Chile trouxe outras perspectivas ao mundo museal. A ideia de museu que estava ligada principalmente à edificação, coleção e público foi alterada. Ao invés de edificação foi trabalhada a ideia de território.

À noção de coleção foi agregado o conceito de patrimônio imaterial, ou seja, o conceito de museu é amplificado, onde o público passa a ser entendido como comunidade e o museu passa a abordar a totalidade dos problemas da sociedade, o que foi definido como “museu integral” (ARAÚJO; BRUNO, 1995).

Um museu tem por finalidade realizar extensão, mas não aquela de “estender à sociedade o conhecimento acumulado pela Universidade”, mas de produzir, em interação com a sociedade, um conhecimento novo. “Um conhecimento que contribua para a superação da desigualdade e da exclusão social e para a construção de uma sociedade mais justa, ética e democrática”. (FORPROEX - FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS, 2012).

Para um museu de ciências também se somam outras finalidades tais como: construir uma sociedade mais consciente ecologicamente e que aprenda a conviver com o meio ambiente de forma sustentável, além do compromisso com a popularização da ciência.

O Museu de Ciências Naturais da UFRGS

Nessa linha, o Museu de Ciências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – MUCIN, tem como missão: *Promover a valorização do patrimônio natural e cultural, com ênfase no litoral do Rio Grande do Sul, de modo a sensibilizar a sociedade para sua sustentabilidade e qualidade de vida, bem como para a preservação da biodiversidade, a partir da exposição de seu acervo e de um programa de ações educativas.*

Desde sua inauguração em 1983, O MUCIN, que faz parte do Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos – CECLIMAR, tem sido um espaço de referência educativo-cultural no Litoral Norte do Estado. Sua temática está relacionada especialmente às questões ambientais como a biodiversidade e a conservação dos ecossistemas, principalmente, costeiros e marinhos.

Atualmente, o MUCIN conta com acervo de zoologia, que inclui representantes da fauna marinha e costeira. Sua exposição de longa duração mostra as riquezas da biodiversidade do Litoral Norte, bem como expõe suas fragilidades, abrindo espaço para reflexão acerca das relações entre os ecossistemas e o homem.

O Museu também oferece um espaço para exposições temporárias, onde transitam diversos temas relacionados às interações biológicas e culturais do Rio Grande do Sul.

Visitas mediadas ao MUCIN

A concepção inicial de museu até meados da metade do século XX (Valente, 2003), permitia a exibição de objetos/espécimes somente pelo deleite, sem uma ordenação que delineava um contexto. Porém, durante o mesmo período em que o Museu esteve em atividade, a Museologia sofreu grandes transformações tanto na concepção de exposições e nos serviços educativos quanto na própria função social da instituição museu, conforme já comentado anteriormente. Dessa forma, após um incêndio ocorrido em 3 de maio de 2014 que fechou as portas do Museu, houve a oportunidade de recompor e repensar a exposição, sentindo-se a necessidade de apresentar uma mostra que estivesse alinhada a esse novo paradigma, cujo foco passa a ser não só o objeto como uma coisa a ser admirada, mas sim, sua relação com o homem e com o ambiente. Isso faz com que a narrativa da exposição mostre essas relações, ou seja, além de colocar um pinguim em exibição, por exemplo, é necessário mostrar também quais as interações

desse pinguim com o meio ambiente, incluindo o homem. Quando devemos interferir no ciclo de vida das espécies que habitam ou que aparecem eventualmente em nosso litoral? O que podemos fazer para que eles não sofram ações antrópicas prejudiciais ao seu ciclo de vida? Por que tantos pinguins aparecem mortos em nossas praias? Esses são alguns exemplos das questões que cercam o cotidiano do litoral e que precisamos discutir no Museu.

Por outro lado, se faz necessário apresentar como se deu a formação desse espaço chamado Litoral Norte, o que o compõe, o que há nesse ambiente que vai além da praia. Pensando nesses e demais pontos que podemos explorar nos diversos e ricos ecossistemas encontrados no Litoral Norte, foi elaborado um projeto expográfico bastante diverso ao qual o Museu se propôs antes do incêndio. Dessa forma, aproveitando para fazer as modificações que possibilitam a construção de uma narrativa que consiga discutir e provocar reflexão acerca desse espaço do qual faz parte o MUCIN.

Atualmente, quem visita o Museu pode ter uma melhor compreensão do que representa o Litoral Norte, qual é o seu patrimônio cultural e ambiental. Entre os objetivos da exposição destacamos as interações das espécies costeiras e marinhas com o homem, alterando um pouco a dinâmica a que o Museu estava dedicado: aquela que apenas mostrava as espécies e não discutia sua inserção no meio. Desta forma, pretende-se construir uma reflexão crítica do comportamento da nossa sociedade em relação aos recursos naturais. Para que o diálogo seja proveitoso, os mediadores não devem realizar uma aula de biologia com o uso abusivo de termos técnicos. Conhecer a exposição com a qual se trabalha é fundamental, mas propiciar que o tema abordado faça sentido na vida e nas atitudes cotidianas do visitante é o diferencial. Sabendo provocar a reflexão principalmente sobre nossas atitudes perante o meio é que conseguiremos mudar nossa postura e comportamento. Esse é nosso objetivo principal.



No espaço reservado para exposições temporárias, que vão mudando a cada 6 meses ou 1 ano, transitam temas diversos em mostras organizadas pelo MUCIN ou trazidas de outras instituições. Atualmente, está em cartaz a exposição “Aves do Litoral do Rio Grande do Sul” que destaca os grupos de aves que transitam, residem ou utilizam a planície costeira, enfatizando suas diferenças morfológicas, suas adaptações e peculiaridades. A exposição trata das aves marinhas, costeiras, e migratórias, além das questões de conservação e sustentabilidade que afetam a vida desses animais .



Oficinas

O MUCIN oferece algumas oficinas como outras formas de comunicação com seu público. Para o ano de 2018, o Museu disponibilizou cinco atividades: a oficina sobre tubarões que apresenta ao público aspectos de seu comportamento, na tentativa de desmistificar a imagem desses animais como agressivos e assassinos, demonstrando com auxílio de pesquisas e estatísticas que, na verdade, esses animais são vítimas da atividade humana, principalmente em decorrência da pesca ilegal. A atividade “Saber e uso tradicional das

plantas” apresenta ao público o uso de plantas consideradas 'mato' e sem utilidade, e também, diferentes aplicações de plantas já utilizadas, como por exemplo, o potencial medicinal de espécies consideradas apenas como frutíferas. Estamos acostumados a conhecer e comer apenas espécies vegetais disponíveis nos supermercados, que geralmente possuem grandes quantidades de

agroquímicos e necessitam de manejo e esforços para se obter algum resultado dos plantios. Enquanto isso, muitas plantas com diversos usos

sejam eles alimentar, medicinal e até artesanal, são ignoradas por não serem conhecidas popularmente, gerando desperdício desses recursos naturais. A oficina pretende compartilhar conhecimentos tradicionais acerca de espécies vegetais presentes em locais de fácil acesso e sem necessidade de manejo, além de não estarem contaminadas com grandes quantidades de agrotóxicos.

A oficina “Física dos Oceanos” trata desses gigantes corpos d’água que cobrem cerca de 70% da superfície do planeta Terra. Entretanto, muitos dos fenômenos e processos físicos, que ocorrem nos oceanos e controlam sua dinâmica, são pouco conhecidos e/ou pouco compreendidos pela maioria das pessoas. Através de experimentos simples, demonstramos aos participantes alguns dos processos e fenômenos físicos e forças físicas, que ocorrem e controlam a dinâmica dos oceanos e dos estuários. A oficina propõe sensibilizar a população acerca dos processos físicos como a mistura e a estratificação e de que maneira eles podem ser alterados por impactos negativos de obras costeiras, assim como, esses processos físicos podem atingir a ocorrência de recursos pesqueiros e a produtividade biológica local e global.

A oficina “Aves do Litoral do RS” trata desse grupo de vertebrados altamente especializado que dominou o meio aéreo através do voo. Com seus bicos e penas, tornam-se animais inconfundíveis e cativam as pessoas, que as observam nos mais variados ambientes em que conseguem se estabelecer. Esta oficina visa atrair a atenção das pessoas para as aves, destacando as especializações do grupo e ao mesmo tempo, buscando um enfoque nas aves marinhas e costeiras e suas características ecológicas.

Já a oficina sobre cetáceos tem como objetivo esclarecer as principais diferenças ecológicas, morfológicas e evolutivas existentes dentro do grupo, e apresentar quais são as espécies predominantes e ocorrentes no Rio Grande do Sul. Dessa forma, explicando por que o litoral gaúcho

é um ambiente tão importante para a conservação destes animais, e ainda abordar de que maneira cada pessoa pode contribuir para a preservação deste grupo, conhecendo as principais ameaças que o atinge. Os cetáceos, identificados popularmente como baleias, botos e golfinhos, são mamíferos aquáticos que vivem em sua maioria nos oceanos, mas também podem habitar ambientes de água doce. O Rio Grande do Sul é um dos estados do Brasil com maior biodiversidade de cetáceos, onde ocorrem 35 das 45 espécies já registradas em águas brasileiras.

Além das oficinas, o MUCIN oferece a trilha ecológica que localiza-se na área do CECLIMAR. Nesta atividade o enfoque é sobre a ecologia das lagoas costeiras e a importância do ambiente de restinga/marisma, bem como as problemáticas que enfrentam com relação ao descarte de resíduos sólidos nas margens da laguna entre Imbé e Tramandaí.

Exposição itinerante

O MUCIN conta com uma exposição itinerante, que tem entre seus principais objetivos o de proporcionar maior visibilidade à fauna marinha e costeira. A exposição apresenta as principais espécies que ocorrem no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, visando sensibilizar uma parcela maior da sociedade. O acervomostra diversos animais característicos da fauna marinha e costeira, bem como informações referentes a estas espécies. Grande parte dos veranistas desconhecem que o litoral do Estado do Rio Grande do Sul é uma das regiões de maior riqueza de espécies de fauna marinha do Brasil, muitas delas ameaçadas de extinção. Todos os anos o litoral gaúcho recebe inúmeros visitantes dessa fauna que frequentam a nossa costa, seja em busca de alimento ou descanso, além das muitas espécies que aqui residem o ano inteiro. Com a exposição, o nosso objetivo é de que mais pessoas tenham contato com este conhecimento e se incluam na luta pela preservação deste ecossistema.



Museu vai à Escola e Museu vai à Praia

O Museu recebe anualmente cerca de 10mil visitantes, sendo que esse número considera apenas o público que acessa as exposições do Museu. Não considera as atividades realizadas em outros espaços, como as escolas e eventos dos quais participamos. Os meses de janeiro e fevereiro são os de maior movimentação, porém o maior público do Museu é o escolar, cuja

visitação ocorre nos outros meses do ano. Para se aproximar da escola e conseguir conversar com aqueles que não podem vir até o Museu, foi desenvolvido o projeto Museu vai à Escola. Atualmente com ênfase nas escolas pertencentes a 11ª Coordenadoria de Educação, o MUCIN leva parte de seu acervo didático para atividades nas escolas. Essas atividades são adaptadas à faixa etária dos participantes, mas o objetivo é o mesmo, isto é, que os alunos e o público escolar

se sintam estimulados a se identificarem como agentes transformadores do meio, sensibilizando para a necessidade de conhecer e compreender o lugar onde vivem, aprendendo como minimizar os processos de degradação.

A atividade do Museu vai à Praia está dentro da programação de verão do CECLIMAR e tem os mesmos objetivos de sensibilizar para o uso sustentável dos recursos naturais, mas com ênfase no atendimento aos veranistas e turistas. São levados à praia alguns objetos pertencentes à coleção do Museu, utilizados para despertar o interesse dos veranistas sobre a fauna do litoral.

Considerações Finais

O MUCIN, sendo um museu universitário, vem tentando dar sua contribuição para que a extensão universitária alcance cada vez mais pessoas. Suas atividades estão em constante avaliação, para que seja possível, cada vez mais, aproximar-se do objetivo de envolver e trocar saberes entre a comunidade e a Universidade: tentando elaborar exposições que consigam delegar autonomia ao visitante, para que este consiga ir em busca da construção de conhecimento e através disso, alimentar aqueles que

realizam a mediação. É um caminho difícil já que é preciso desconstruir a maneira de se portar dos mediadores, para que eles consigam realizar o trabalho dessa maneira. Mas estabelecidas as bases iniciais e reelaborados os valores das instituições, é possível criar alternativas.

Portanto, para que efetivamente o conhecimento acadêmico faça sentido e se torne transformador é necessário que este ultrapasse os muros das instituições, e da mesma forma o contrário, que o conhecimento popular seja compreendido e entendido dentro da academia. Cabe então a cada museu universitário, aproveitando-se de sua vocação para a extensão, começar a repensar sua trajetória e buscar novas formas de apresentar suas exposições e realizar suas ações educativas, em consonância com os preceitos definidos para uma extensão universitária inclusiva e emancipadora, já que temos nas mãos uma ótima ferramenta para isso.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). **A Memória do pensamento museológico contemporâneo: Documentos e Depoimentos**. São Paulo: Comitê Brasileiro do ICOM, 1995, 45p.

DUARTE, Alice. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. **Revista Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p.99-117, dez. 2013. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/248/239>>. Acesso em: 09 fev. 2018.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica**. 2. ed. Brasília: Hucitec, 2009.

LOPES, Maria Margaret. Museus e Educação na América Latina: O modelo Parisiense e os Vínculos com as Universidades. In: GOUVEIA, Guaracira; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria Cristina. **Educação e Museu: A Construção do Caráter Educativo dos Museus de ciência**. Rio de Janeiro: Access, 2003. p. 63-82.

Política Nacional de Extensão Universitária / elaborado pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. 74 p. https://www.ufrgs.br/prorext/wp-content/uploads/2015/10/PNE_07.11.2012.pdf. Acesso em: 28 ago. 2017.

VALENTE, Maria Esther. A Conquista do Caráter Público do Museu. In: GOUVEIA, Guaracira; MARANDINO, Martha; LEAL, Maria Cristina. **Educação e Museu: A Construção do Caráter Educativo dos Museus de ciência**. Rio de Janeiro: Access, 2003. p. 21-45.